

Desafios da educação a distância no Brasil

José Moran

A educação a distância está se transformando, de uma modalidade complementar ou especial para situações específicas (cursos técnicos, educação de jovens e adultos), em referência para uma mudança profunda na educação como um todo. É uma opção importante para cursos de curta e longa duração, para os vários níveis de ensino, para a educação formal e informal, a educação continuada, a profissional, a corporativa.



A **EAD** é ainda pouco reconhecida, apoiada nas instituições superiores. Só dez por cento atua na modalidade a distância. Em muitas, a **EAD** não tem pouco poder, recursos e representatividade organizacional. Muitas áreas de conhecimento, como as da saúde, confundem educação a distância com cursos só pelo computador e se posicionam contra, de uma forma simplista. É possível ter qualquer curso, em qualquer área, incluso a medicina com modelos parcialmente a distância. Ninguém

Cresce a percepção de que um país do tamanho do Brasil só conseguirá superar sua defasagem educacional por meio do uso intensivo de tecnologias em rede, da flexibilização dos tempos e espaços de aprendizagem, e da gestão integrada de modelos presenciais e digitais. A educação a distância está modificando todas as formas de ensino e aprendizagem, inclusive as presenciais, que utilizarão cada vez mais metodologias semipresenciais, **flexibilizando** a necessidade de presença física, reorganizando os espaços e tempos, as mídias, as linguagens e os processos presenciais e digitais.

A **EAD** está associada há décadas no Brasil ao ensino técnico, à formação rápida de trabalhadores, ao ensino supletivo, a uma segunda oportunidade de aprender, a ensino para quem mora longe (democratização de acesso). O Brasil entrou no ensino superior a distância há pouco mais de dez anos, enquanto que a maior parte dos países já a pratica há mais de cinquenta. Mesmo assim, mais de um milhão de alunos, vinte por cento de todos os alunos de ensino superior, estudam a distância. Há um mercado inexplorado de milhões de adultos que não puderam estudar, quando mais jovens, ou que agora podem fazê-lo ou precisam de um diploma por terem mudado de área profissional ou porque querem melhorar suas vidas.

imagina um curso na saúde, sem laboratórios e práticas. Mas isso não justifica um veto frontal à **EAD**. É contraditória a postura da Ordem dos Advogados do Brasil que veta praticamente a graduação a distância num curso que no presencial é oferecido oralmente, com poucos recursos. Por que não pode ser feito a distância, desde que o projeto seja consistente e com bons profissionais?. Há Conselhos Federais de classe que criticam a EAD de uma forma generalizada e simplista. Eles têm razão quando criticam cursos a distância sem qualidade, como se fossem puramente a *la carte*, sem nenhum apoio de bons profissionais, mas afirmam nas entrelinhas que nenhum curso a distância possam equiparar-se aos presenciais.

As últimas avaliações desmentem a alegada diferença entre resultados dos alunos de curso presenciais e a distância. Em média, os alunos de **EAD** se saem dois por cento melhor do que no presencial, no Enade, entre 2007 e 2009.

“...Um país gigantesco como o Brasil precisa de muitas mais instituições que ofereçam todas as opções possíveis de cursos a distância, para poucos e para muitos alunos...” ”

Não é um resultado espetacular, mas mostra que é possível preparar alunos com qualidade. A divulgação desses dados de forma mais seguida contribuirá para diminuir o preconceito atual de uma parte da sociedade. Temos problemas no mestrado e doutorado, onde é muito difícil aprovar um programa a distância na Capes, com exceção de dois tímidos mestrados profissionais em universidades públicas.

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO OPÇÃO ESTRATÉGICA – Um país gigantesco como o Brasil precisa de muitas mais instituições que ofereçam todas as opções possíveis de cursos a distância, para poucos e para muitos alunos, com modelos mais ao vivo e outros gravados, com mais ou menos tutoria, dependendo do tipo de curso e de aluno.

A **EAD** é cada vez mais complexa, porque está crescendo em todos os campos, atendendo mais pessoas, com modelos diferentes, num cenário de dramáticas mudanças tecnológicas, de mobilidade e de processos.

Temos modelos de **EAD** de alta escalabilidade, com transmissão de aulas por satélite, que se expandem nacional e internacionalmente e atendem cada vez a mais alunos, em mais cidades, perto de onde eles estão. Desenvolvem cursos mais atualizados, com forte interação audiovisual, variedade de oferta e custos reduzidos. Este é o caminho escolhido por alguns grandes grupos e marcas, que detêm mais da metade de toda a demanda.

Temos a Educação a distância mais digital, na **WEB**, com mais apoio a distância e alguns momentos presenciais. Algumas instituições atendem a um público de maior poder aquisitivo e outras a um público de renda mais baixa.

A temos **também** para atendimento de segmentos específicos, regionais ou temáticos. As instituições atuam em áreas com competência comprovada. Focam públicos definidos. É a opção viável para a maior parte das instituições.

Um caminho possível e até agora não bem sucedido é o de participar de consórcios e parcerias. Já foi tentado várias vezes. É importante, mas não



“...Os alunos querem ser tratados de forma mais individualizada. Caminhamos de uma **EAD** mais industrial, massiva, de produto pronto, igual para todos, para modelos bem mais flexíveis...”

fácil de conseguir, depende de sinergia de valores e capacidade de gerenciar diferenças pessoais e institucionais. Só parcerias bem sucedidas podem enfrentar, a médio prazo, os grandes grupos que atuam nacionalmente.

O avanço impressionante de computadores e *tablets* está personalizando claramente o processo de aprendizagem. Não podemos dar o mesmo conteúdo e atividades para todos, no mesmo ritmo. Os alunos querem ser tratados de forma mais individualizada. Caminhamos de uma **EAD** mais industrial, massiva, de produto pronto, igual para todos, para modelos bem mais flexíveis, que combinam o melhor do percurso individual com momentos de aprendizagem em grupo, de colaboração intensa. As tecnologias **WEB 2.0**, gratuitas e colaborativas, facilitam a aprendizagem entre colegas, próximos e distantes. Tudo caminha para ser mais aberto, ágil, intuitivo (*touchscreen* ou telas sensíveis ao toque, como nos *tablets*). Falta no Brasil melhorar os preços destes equipamentos (essa perspectiva é próxima) e melhorar a banda larga (ainda falta muito).

A INTEGRAÇÃO ENTRE O PRESENCIAL E A DISTÂNCIA

– Para que as instituições grandes e pequenas possam continuar no ensino superior, é importante que assumam o mesmo modelo de currículo e oferta no presencial e no **EAD**. Que elaborem um projeto estratégico único e integrado, que permita a sinergia entre equipes, metodologias, conteúdo, infraestrutura, *marketing*.

O caminho é o da convergência em todos os campos e áreas: prédios (**EAD** também dentro de unidades presenciais – pólos); integração de plataformas digi-

“...Os alunos poderão escolher o modelo que mais lhes convier, aprenderão mais e as instituições poderão oferecer um ensino de qualidade, moderno e dinâmico, a um custo competitivo...”

tais; produção digital de conteúdo integrada (os mesmos materiais para as mesmas disciplinas do mesmo currículo).

Isso favorece a mobilidade de alunos e professores. Alunos podem migrar de uma modalidade para outra sem problemas, podem fazer algumas disciplinas comuns – alunos a distância e presenciais cursando disciplinas comuns. Professores podem participar das duas modalidades e ter maior carga docente. Isso permite maior interoperabilidade de processos, pessoas, de produtos e metodologias, com grande escalabilidade, visibilidade e redução de custos. Os alunos poderão escolher o modelo que mais lhes convier, aprenderão mais e as instituições poderão oferecer um ensino de qualidade, moderno e dinâmico, a um custo competitivo.

O sistema bi-modal, semi-presencial – parte presencial e parte a distância – se mostra o mais promissor para o ensino nos diversos níveis. Combina o melhor da presença física com situações em que a distância pode ser mais útil, na relação custo-benefício. Nos cursos presenciais poderíamos flexibilizar a relação presencial-digital de forma progressiva. No primeiro ano, as atividades aconteceriam mais na sala de aula. Haveria uma ênfase maior na aprendizagem do uso das tecnologias digitais feito no laboratório até o aluno ter o domínio do virtual e poder fazê-lo a distância.

Vale a pena discutir o limite de 20% de disciplinas *online*, imposto pelo MEC. Por que 20 e não 30 ou 50? As instituições poderiam flexibilizar seus currículos até chegar a uma carga horária média de 50% para aulas presenciais e

50% a distância. Cada instituição terá de definir qual é o ponto de equilíbrio entre o presencial e o virtual, de acordo com cada área do conhecimento. Isso porque há disciplinas que necessitam mais da presença física, como as que utilizam laboratório ou interação corporal (dança, teatro etc.). O importante é experimentar várias soluções nos diversos cursos.

Sem esse balanceamento, a educação não conseguirá avançar no ritmo necessário para acompanhar a progressiva complexificação da sociedade e das aceleradas mudanças que todos experimentamos. Em todos os currículos, as disciplinas mais centradas no conteúdo podem ser semi-presenciais. Só as de laboratório, de práticas podem ser mais presenciais e, mesmo essas, podem ser pensadas de forma diferente (laboratórios digitais, integrados, ao menos parcialmente).

A conjugação de inovação e redução de custos é poderosa e possível. As instituições que implantam um modelo, que equilibre economia com inovação, serão vencedoras e avançarão muito mais rapidamente do que as que continuem repetindo, ano após ano, o mesmo modelo convencional ultrapassado.

Encontramo-nos no meio de muitas mudanças, em uma fase em que temos que repensar a educação como um todo, em todos os níveis e a legislação da educação a distância é bastante detalhista e restritiva. Precisamos ter sensibilidade legal para evitar uma asfixia burocrática numa fase de grandes mudanças, e ao mesmo tempo sinalizar alguns limites para cada momento histórico. Estamos numa área onde conceitos como o de espaço, tempo, presença (física/virtual) são muito mais complexos e que exigem uma atenção redobrada para superar modelos convencionais, que costumam servir como parâmetro para avaliar situações novas.¹ ■



¹Estes temas são mais aprofundados nos meus livros *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá* da Papyrus Editorial (5ª ed, 2011) e em *Educação a Distância: Pontos e Contrapontos* (Summus Editorial, 2011). Tem mais textos sobre o tema na minha página web: www2.eca.usp.br/moran